

***Small Axe*: o espelho nas tormentas do atlântico negro**

Small Axe. Direção: Steve McQueen. Produção: EMU Films/Turbine Studios. Inglaterra, BBC, 2020.

Marco Tobón¹

*Não estamos aceitando as coisas que não podemos mudar,
estamos mudando as coisas que não podemos aceitar.*

Angela Davis

Steve McQueen (Londres, 9 de outubro de 1969) ingressa no ringue de boxe da indústria cultural, onde se trava uma luta aos murros ideológicos, para dar um soco de esquerda chamado *Small Axe* na cara dos racistas. *Small Axe* (2020) é um quadro composto por cinco filmes sobre as lutas dos afro-antilhanos na Inglaterra dos anos 1960, 1970 e 1980.

Londres, como é bem sabido, tem sido uma das metrópoles racistas da expansão colonialista europeia. Segundo Mbembe (2018, p. 35), isto pode se comprovar pelo fato de que entre 1630 e 1780 o número de africanos escravizados e deportados para as possessões atlânticas da Grã-Bretanha ultrapassou de longe o número de europeus. Nesta perspectiva, pode-se considerar o século XVIII como aquele em que ocorreu a transformação do Atlântico em um cenário de tráfico de corpos para saciar a cobiça da burguesia europeia. Os sofrimentos dos africanos naquele oceano terminariam fecundando a agitada história da modernidade capitalista.

¹ Antropólogo. Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP. Pesquisador pós-doutoral no departamento de Antropologia -UNICAMP. Agradeço ao Murillo van der Laan e a Marina Aiello Padilla pela revisão do português da primeira versão desta resenha. Por sua vez, agradeço aos pareceristas da revista Cadernos Cemarx pelos comentários que foram cruciais para potencializar algumas ideias e corrigir algumas imprecisões.

A sequência de *Small Axe* inicia com 1. *Mangrove* e continua com 2. *Lovers Rock* 3. *Red, White and Blue* 4. *Alex Wheatle* 5. *Education*. *Small Axe*, título de uma música de Bob Marley², é cinema em vibração permanente simulando as agitações das realidades. Portanto, é também indignação comum, disputa pelo relato histórico, gozo coletivo, memória política e cultural, conhecimento das atuações sociais na história e potência coletiva.

O diretor de *12 anos de escravidão*, na sua condição de diretor negro, bem poderia filmar estas histórias no Brasil, na Colômbia ou África do Sul, quiçá em qualquer país capitalista que, como bem se sabe, segura sua dominação no exercício feroz da exploração econômica, no racismo, no patriarcado e na repressão militar. Mesmo as histórias acontecendo no reino da Grã-Bretanha, aquele país de colonizadores seculares e protagonistas no decolar do capitalismo global, as dores que se retratam, as injustiças que se vivem e a força cultural que se expõe, são bem conhecidas pelas populações negras do planeta e pelos migrantes não brancos da história.

Para as pessoas que leem esta resenha, criaturas sensíveis e dispostas a receber *spoilers*, ofereceremos uma descrição, desde uma ótica sociológica, sobre cada um dos filmes de *Small Axe*. Não esperem análises eruditas sobre a estética cinematográfica e as decisões visuais do diretor, realmente nosso interesse está mais focado na estética moral e política manifestada pelos filmes na sua encenação.

1- O primeiro filme é *Mangrove*. Reconstruindo fatos históricos esta primeira filmagem narra a hostilidade, por parte da polícia de Londres, contra o restaurante caribenho *Mangrove*, localizado no bairro de Notting Hill e especializado em comida apimentada das

² “Small Axe”, canção do álbum *Burnin* de Bob Marley e The Wailers, lançado pelos estúdios Harry J. e Island Studios, Kingston, Jamaica, outubro de 1973.

So if you are the big tree / De modo que se você é a grande árvore

We are the small axe / Nós somos o machado pequeno

Ready to cut you down (well sharp) / Prontos para te cortar (bem afiado)

To cut you down / Para te derrubar (Tradução do autor da resenha)

Para escutar a música acessar no link: https://www.youtube.com/watch?v=b0Tk-FoiX_0.

índias ocidentais, propriedade de Frank Crichlow. Aqui as imagens mostram a metamorfose de uma cidade que pretende ser cosmopolita e avançada, tutelada pelo domínio de Isabel II, que cresce às expensas do trabalho mal pago da classe trabalhadora, pobre, migrante e negra, que faz a vida em casebres que parecem feitos com o entulho que sobrou da construção das grandes pontes. Nesse cenário, Frank Crichlow decide abrir seu restaurante. Mas a agressividade e a repressão contra seu estabelecimento são tão recorrentes que fica ao descoberto uma clara orientação xenófoba e racista de parte dos policiais londrinos.

Vamo-nos colocar no lugar de Frank, um caribenho de Trindade, abrindo um pequeno negócio de comidas no bairro de migrantes afro-antilhanos numa metrópole racista, acreditando que pode ser feliz com seu restaurante enquanto recebe a visita dos seus colegas e vizinhos que fazem do local um centro de gravidade cultural, de encontros políticos e expressão divertida da sua cultura. De repente, sem justificativa válida e sem provas, a polícia arromba seu pequeno negócio invocando preconceitos ilusórios, luta contra a prostituição, luta contra as drogas e ilegalidade no funcionamento do restaurante. São tantas as vezes que o local de Frank Crichlow é depredado que chega ao limite de acreditar que não tem direito a existir, que a sua vida será negada sempre, admitindo a derrota sem apelações aparentes. Mas os clientes do *Mangrove*, seus vizinhos, seus colegas e amigos, descendentes de rebeldes afro-antilhanos, compartilhando a injustiça e a raiva de Frank, que leem os *Jacobinos Negros* (1938) de C. L. R. James³ e militam no movimento Panteras Negras na Inglaterra, impulsionam a organização coletiva e fazem um protesto em defesa de seu direito a ser um cidadão

³ Os *Jacobinos Negros. Toussaint L'Overture e a revolução de São Domingos*, publicada por C.L.R. James na Inglaterra em 1938, é a obra mais importante na reconstrução e análise histórico da única insurreição na história humana feita por pessoas escravizadas que sai vitoriosa: a rebelião na colônia francesa de São Domingos, iniciada em 1791, no território onde atualmente se localiza a República do Haiti. Esta obra além de ser uma referência central para os povos afro antilhanos e da América Latina, tem sido um importante instrumento de qualificação da consciência dos migrantes caribenhos negros na Europa.

qualquer. A manifestação foi um grito comum exigindo respeito, um bloco sólido contestando a polícia de Londres nas suas próprias portas.

O que aconteceria depois é perfeitamente imaginável. Como advertiu Alec Reid, o padre irlandês que participou ativamente do processo de paz da Irlanda do Norte e que conhecia bem o modo de agir das autoridades inglesas, “quanto mais razoáveis são suas posições, mais agressões vocês vão sofrer”⁴. Nove dos manifestantes, entre eles Frank Crichlow, são detidos e julgados, mais uma vez injustamente, por incitação à rebelião, os mesmos argumentos que antigamente utilizaram os colonizadores no Caribe contra os negros que se revoltaram por seus direitos.

Começa mais uma batalha. Enfrentar os juízes brancos da Inglaterra e suas espalhafatosas perucas arcaicas. Mesmo com a desvantagem perante o aparato judiciário, as pressões psicológicas da incerteza e as calúnias públicas, os nove acusados compreendem que na luta política é fundamental preservar os vínculos mútuos, deslegitimar o adversário e manter o vitalismo. Não se trata de um final feliz, trata-se de uma vitória no meio das mais agressivas tormentas. Este primeiro filme revive, na sua criação cinematográfica concreta, o *Mangrove Nine*, aquele episódio das lutas negras nas entranhas do império inglês. Em 2020 este grito que não emudece comemorou 50 anos e mais uma vez Londres presenciou uma marcha multitudinária ocupando suas ruas⁵.

2- O segundo filme é *Lovers Rock*, um culto às festas, especialmente aquelas festas clandestinas, refúgios da sedução, saturadas de fumaça de maconha e adocicadas com aquela atmosfera alegre que gera a música jamaicana. A história acontece em 1980, em uma Inglaterra governada pela *Dama de Ferro*, Margareth Thatcher, nos primórdios

⁴ Frase do padre irlandês Alec Reid citada pelo líder da esquerda independentista basca Arnaldo Otegi. Ver em: “Fallece en Dublín el sacerdote irlandés Alec Reid, figura clave en el proceso de paz”, 22 de nov., 2013 no jornal Basco naiz.eus. Fonte: <https://www.naiz.eus/eu/info/noticia/20131122/fallece-el-sacerdote-norirlandes-alec-reid>.

⁵ Para mais informações ver: *The Mangrove Nine Echoes of black lives matter from 50 years ago*. Em: <https://www.bbc.co.uk/news/extra/jGD9WJrVXf/the-mangrove-nine-black-lives-matter>.

do neoliberalismo, com cacetadas permanentes ao movimento dos trabalhadores ingleses, guerra das Malvinas contra a Argentina e um racismo atroz que proibia a entrada de negros em boates. A beleza das imagens e a música honram as artes do encontro, de comemorar juntos e celebrar a existência. O que acontece na tela reafirma que a atuação política está impregnada de cultura. Ou melhor, que a cultura é constitutiva das ações políticas. Dançar juntos tem o poder de amalgamar uma ideia de coletividade, de sentimentos de pertencimento, os movimentos dos corpos vão além de uma simples coreografia festiva, eles se entrelaçam para se tornar potência coletiva.

Chega um momento que a música começa a acordar forças açapadas, os corpos suam, os baseados circulam, os beijos se materializam, a vibração coletiva alcança seu ápice fazendo que aquela festa clandestina nos lembre uma sensação de vitória comum, aquela remota exaltação que traz a ousadia de triunfar juntos.

A Londres branca e refinada é apagada, agora é um encontro de afro-caribenhos comemorando juntos, invocando os destemidos rebeldes das Antilhas - seus parentes históricos - nas suas músicas e reafirmando com estremecimento o pertencimento a uma história. Isto fica exposto claramente quando toca «Kunta Kinte Dub» de *The Revolutionaries*⁶, momento que serve para derrubar os possíveis idealismos que possam se filtrar, justamente porque a sala de dança se transforma num cenário masculino. Agora não se dança a dois, acabou a coreografia sedutora e começa uma agitada dança individual dos homens indomáveis, secretando testosterona, ocupando arbitrariamente a festa. Inclusive antes deste paroxismo do baile acontecer, McQueen introduz a cena de um homem que estupra a aniversariante da festa no quintal da casa, que por sorte é resgatada por outra mulher, inclusive que entrou de penetra na celebração, e que enfrenta o deplorável sujeito. O criminoso termina por se safar de sua responsabilidade e sair ileso,

⁶ *The Revolutionaries* é uma banda de reggae da Jamaica formada em 1975. Esta banda criou um novo estilo “rockers” dentro do mundo reggae jamaicano. Para escutar a música *Kunta Kinte Dub* ir no link: <https://www.youtube.com/watch?v=K6XDlje4vJU>.

sem que o ato seja reprovado, publicamente, como justificativa para suspender a festa. Esta sequência de imagens não expõe apenas um ato de sororidade perante a violência, também desvenda o machismo que gravita naquela geração e que também é reproduzido naquela coletividade.

3- O terceiro filme é *Red, White and Blue* - as cores da bandeira do Reino Unido - mais uma história enquadrada no realismo cru, fatos imbricados na correlação de forças raciais que vibram nas ruas, seja de Londres, de São Paulo, de Recife, de Bogotá, de Bilbao, de qualquer cidade patrulhada por forças repressivas equipadas de armas, ódio e preconceito racial. Narra-se a vida de Leroy Logan, um talentoso e atlético jovem com PhD em ciências forenses, um daqueles homens sensíveis com capacidades para se tornar um destacado cientista. Mas um belo dia toma a decisão de contrariar o percurso do disciplinamento acadêmico inculcado em casa e apresenta as provas para se tornar um policial. Para o pai, Kenny Logan, isto é uma heresia inaceitável.

Kenny, o pai, como negro que faz a vida na capital do império britânico, conhece bem aqueles embates antagônicos com uma polícia racista, inclusive já experimentou em sua própria pele as pancadas injustificadas das “forças da ordem”. Kenny não tem dúvida de que a polícia é o braço repressor do Estado capitalista, tem certeza absoluta que sua função não é a segurança cidadã, e sim a proteção da propriedade privada, dos privilégios econômicos e raciais daqueles que vivem do trabalho alheio. Para o pai de Leroy, como para muitos negros ingleses “*All Cops are Bastards*” (ACAB), de modo que a decisão de seu filho é a mais repulsiva das contradições.

A decisão de Leroy é inquebrantável, justificada com o argumento de que um negro dentro da polícia londrina pode começar a mudar uma instituição que não tem conseguido ganhar o respeito de ninguém. Aqui aparece uma contradição comum em todos aqueles inconformes com este mundo mal feito: enfrentar abertamente o sistema opressor ou ingressar nele para implodi-lo desde suas próprias entranhas?

As duas opções são igualmente sofríveis e tenebrosas. As duas supõem combates abertos sem compaixão, sempre expondo o corpo contra adversários ferozes, com algumas breves vitórias que são apenas lampejos que servem para recompor as forças e retomar mais uma vez às lutas adiando até o máximo o *Knockout*. Leroy Logan não desiste porque acredita que abdicar seria satisfazer os desejos dos racistas. Continua dentro da polícia resistindo a ser engolido pelo monstro. No final, dialogando e brindando com seu pai um bom trago de rum, diz uma coisa que bem poderia sair da boca de um indígena amazônico que produz seu alimento na roça praticando a *coivara* (derruba e queima de vegetação que será renovada em uma floresta comestível): “Às vezes acho que a terra tem de ser queimada. E ser replantada. Para nascer alguma coisa boa. Alguma coisa boa”.

4- O quarto filme é *Alex Wheatle*, que narra a vida de uma pessoa com a história negada, apagada, jogada no mundo sem saber de onde veio, nem para onde vai, se perguntando *quem sou?*, dando passos na escuridão, sem saber que as mesmas trevas, como costuma acontecer, mostrarão o caminho. Mas também pode ser a história de como um grito coletivo consegue se amplificar com as vozes decididas dos indivíduos. Por sua vez, também é um filme que retrata a vida do inglês Alex Wheatle, escritor e romancista negro, um homem que foi tantas vezes cuspidor na cara pela estrutura racial e classista, que reagiu outras tantas vezes a essa realidade injusta, para depois confirmar, como aconteceu com a escritora negra Carolina Maria de Jesus, uma sentença de Jorge Luis Borges (1977):

[...] Eu falei num poema do antigo alimento dos heróis: a humilhação, a desventura, a discórdia. Estas coisas nos foram dadas para ser transmutadas, para que possamos fazer da miserável circunstância de nossa vida, coisas eternas ou que aspiram à eternidade.⁷

⁷ Palestra de Jorge Luis Borges no Teatro Coliseo de Buenos Aires titulada “La

No filme se demonstra que a vida de um negro na Inglaterra, ainda mais se é órfão e sem referências ancestrais, está sujeita a tumultuadas reviravoltas. Alex Wheatle, como muitos jovens na inocência política, leva a sério as ficções persuasivas do modo de vida burguês e branco, experiência que acabam por confrontá-lo com a Babilônia: a desumana realidade do racismo e a brutalidade policial que sustenta a opressão. Perdido nessa encruzilhada termina por encontrar suas raízes caminhando as ruas e escutando a música que vem das ilhas do outro lado do Atlântico, experiências que ajudarão enxergar suas origens e afinar a música interior para escrever sua história.

Mesmo que Alex Wheatle construa o relato de si próprio, não o “faz segundo a sua livre vontade; não o faz sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 2003, p. 7). Por exemplo, mesmo ele sendo o protagonista, no filme adquire centralidade o incêndio provocado pela polícia num prédio que terminou matando treze jovens negros. Este acontecimento seria o gatilho para os posteriores motins que ocorreram em Brixton, palco crucial para Alex Wheatle exorcizar toda a fúria interior que acabaria por levá-lo à prisão. Na suja cadeia, como se fosse um presente do destino, é encerrado junto com o poeta rastafári Simeon, um anjo de *dreads* e com a indignação esculpida por leituras insubmissas, que será decisivo para Alex Wheatle lavrar seu caminho como pensador e romancista negro.

5- O quinto filme narra os corriqueiros dias de Kingsley Smith, uma criança negra de doze anos, um garoto incompreendido por uma escola na qual não aprende nada, que nega sua curiosidade e seus talentos. Seu pai, prisioneiro da precariedade laboral, nunca está presente para ouvir suas aflições; a mãe, sempre apressada, corre para cumprir vários trabalhos. O único espaço para o desabafo no diminuto

Ceguera”, 1977. O poema ao qual se refere Borges é “Mateo XXV, 30” do livro *El otro, el mismo* (1964). BORGES, Jorge Luís. *Obras Completas 1923-1972*. Emecé Editores, Buenos Aires. 1974

espaço familiar é sua irmã, apoio incondicional que faz Kingsley acreditar que ainda existe um lugar aprazível neste calvário.

A história desvela um sistema educativo que faz parte da reprodução das desigualdades, principalmente com a existência das “escolas especiais”, uma espécie de masmorra da exclusão onde as autoridades inglesas pretendem levar as crianças caribenhas. Neste perverso sistema escolar foi roubada a bondade. A única certeza das crianças é que nesse lugar estão mais perto dos monstros de seus pesadelos. De outro lado, encontram-se as escolas “não especiais”, as escolas dos bairros pobres, as normais, se pode se considerar normal a reclusão dedicada a formar futuros terceirizados. O desafio é contradizer essa perversa lei da tecnocracia burguesa. Como a história das lutas negras e populares tem demonstrado, alcançar saídas nasce sempre da organização autônoma e da vontade de se tornar força comum.

O filme escancara o verdadeiro rosto da educação que discrimina pobres, negros, migrantes, traumatizados, autistas, inconformes e insubmissos: uma máquina trituradora da diversidade social que acaba cuspidos corpos horrorizados e cansados de tanta recusa. O disciplinamento escolar, sem dúvida alguma, é uma das expressões da violência.

Os filmes de Steve McQueen, afiados de indignação, nos lembram todos aqueles terríveis poderes que submetem nossas vidas e, também, todas aquelas honoráveis reações perante esses poderes. Dentro das histórias cruas e violentas dos filmes, como acontece na vida dos excluídos, germinam, sempre entre as rachaduras, atuações decididas, respostas corajosas capazes de trazer mudanças estruturais de resistência nesta prolongada história. As lutas organizadas e conscientes, com suas tragédias e excitações, aparecem como único caminho para preservar um lugar honroso neste mundo que “escorre sangue e sujeira por todos os poros da cabeça aos pés” (MARX, 1985, p. 878-9)

Small Axe, mesmo narrando fatos que aconteceram nos anos 1960, 1970 e 1980 na Inglaterra, permite-nos avistar a abominável experiência do capitalismo europeu de inventar o “negro”, o africano desumanizado, ultrajado por suas origens culturais e convertido em mercadoria. Fica manifestado que para os racistas, como bem adverte Mbembe (2018), o negro é um ponto de fixação patológica de uma ausência de relação. É uma invenção ideológica funcional ao poder, como a ideia de “selvagem”, de subdesenvolvido, é uma operação do imaginário, “o lugar de contato com a parte sombria e as regiões obscuras do inconsciente” (MBEMBE, 2018, p. 69-70). Faz-se visível, desta forma, um dos pilares que suporta a violência capitalista, além de suas leis e suas forças repressivas, a racialização da servidão que impulsiona a máquina perversa de produção de lucros, que engendra o capital e sua moral depravada, a mesma que daria fôlego à Revolução Industrial no centro colonialista inglês.

Os filmes e a obra cinematográfica de Steve McQueen, como tem sido manifestado pelo diretor russo Andrei Tarkovsky (1932-1986), conseguem aquele efeito insólito de se separar de seu autor para se tornar experiência própria em nossas vidas. Os filmes de *Small Axe* agora são uma realidade que nos confronta e nos convida a não aceitar o inaceitável.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luís. *Obras Completas 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os Jacobinos Negros. Toussaint L'Overture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2010. [1938]

MARX, Karl. *O 18 brumário de Luiz Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2003. [1852]

MARX, Karl. *O capital*. 10. ed. São Paulo: Difel, 1985. Livro 1. v.I, II. [1867].

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

REID, Alec. “Fallece en Dublín el sacerdote irlandés Alec Reid: figura clave en el proceso de paz”, *Jornal Basco naiz.eus*. Editora GARA, Novembro 2013. Disponível em: <https://www.naiz.eus/eu/info/noticia/20131122/fallece-el-sacerdote-norirlandes-alec-reid>. Acesso em: 14 mai. 2021.